

ISBN: 978-1502735881

Número de páginas: 35

Edição: 1(2014)

Formato: A5 148x210

Coloração: Preto e branco

Acabamento: Brochura c/ orelha

Tipo de papel: Offset 75g

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou integral sem a prévia autorização do autor.

Claudio Donato

**COLEÇÃO: Ensaios Filosóficos
VOLUME V:**

Filosofia e Psicanálise: *Τον Ερωτικόν* (Do Amor)



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

OITAVO ENSAIO: *Τον Ερωτικόν (Do Amor)*

*O amor é um pássaro rebelde
Que ninguém pode aprisionar,
Não adianta chamá-lo
Pois ele só vem quando quer.*

(...)

*À tua volta, depressa, depressa,
Ele vem, ele vai, depois volta,
Julgas tê-lo apanhado, ele te
escapa;
Julgas que te fugiu, ele agarra-te.*

Da ópera *Carmen*, de Bizet, da ária *Habanera*.

INTRODUÇÃO

Sócrates, que dizia nada saber, afirmou, no entanto, saber de algo: *ton eroticon*.¹ No diálogo platônico *Banquete*, Sócrates fará, como todos os presentes do simpósio, um elogio do amor. Todos os membros do simpósio fizeram seus elogios ao deus Eros. Sócrates, como foi predeterminado, e como era de costume, falaria por último. Neste contexto de elogios ao amor, é introduzida, pela boca de Sócrates, uma personagem misteriosa e sábia: Diotima. Esta estrangeira fará o elogio de Eros, falando, primeiramente de sua natureza (o que é o amor) e em seguida fala de que coisas poderiam ser objeto deste *gênio*. Ao final do banquete, eis que chega uma personagem

¹ *Ton Eroticon* (Τὸν Ἐρωτικόν), do grego, significa *coisas do amor*, ou simplesmente *do amor*. Trata-se do Genitivo. Não há equivalente em português, no seguinte sentido: genitivo se refere ao caso no qual o substantivo é usado para indicar uma idéia de uma posse. Assim, ontologicamente, *ton eroticon* pode se referir ao objeto do amor ou ao próprio amor (seu estatuto ontológico).

inesperada: Alcibíades. Chega já bêbado e se integra ao grupo de amigos. Seu amor e ciúmes por Sócrates fará com que Alcibíades faça um elogio apaixonado, misto de fúria e admiração. Seu discurso abalará, com elementos trágicos e cômicos, a impassibilidade socrática. A motivação para o “elogio” de Alcibíades ao seu amado será a paixão avassaladora e arrebatadora que sente por Sócrates, e, também, o desprezo deste pelo mercenário. Todos os presentes elogiaram ao amor, conforme o que havia sido proposto de início. Alcibíades, pelo contrário, excêntrica e apaixonadamente, elogia o objeto de seu amor: Sócrates.

Já que o amor deseja o objeto de que é amor, então, Sócrates argumenta que aquele que deseja algo não o possui. Ora, somente desejamos enquanto não possuímos o objeto de nosso desejo, uma vez alcançado o objeto, finda-se o desejo. Neste sentido, o amor aparece como uma falta: somente amo aquilo que não possuo. “Ora, desejar

que o que possuímos atualmente também possuamos nos tempos futuros não é, acaso, o mesmo que desejar alguma coisa que não se encontra ainda à nossa disposição, e que ainda não temos?” (PLATÃO, 2003. p.135).

“Portanto, a pessoa, e quem quer que deseje alguma coisa, deseja forçosamente o que não está à sua disposição, o que não possui, o que não tem, o que lhe falta; ora, não são esses justamente os objetos do desejo e do amor?” (PLATÃO, 2003. p.135).

A ele [Eros] cabe interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses; a uns, as orações e os sacrifícios; a outros, os mandamentos e as recompensas das preces. Seu lugar é entre os dois, e por isso preenche o vazio que há entre uns e outros. É o liame que une o Todo a si mesmo. Graças a ele é que existe a divinação, e também a arte dos sacerdotes relativa aos sacrifícios, às consagrações, às fórmulas sagradas, a todas as profecias, encantações, à magia

em geral. Um deus, com efeito, não se aproxima de um homem. Toda a comunicação que se estabelece entre os deuses e os homens, estejam estes acordados ou dormindo, é sempre feita por intermédio dos gênios. (PLATÃO, 2003, p. 139).

O pensamento, filosofia, é coisa erótica (*ton eroticon*).

“Quando Sócrates acabou de falar, todos os presentes aplaudiram-no com entusiasmo. Somente Aristófanes tentou dizer qualquer coisa, porque Sócrates em seu discurso fizera à lenda² referida por ele. Mas foi impedido, porque nesse momento justo à porta de entrada estrondou sob golpes vibrados como por homens bêbados, e se ouviu a voz da flautista”. (PLATÃO, 2003, p. 151).

² Trata-se da lenda do *andrógino*: ser perfeito composto de dois sexos (masculino e feminino). Por sua audácia e arrogância, tentaram escalar o céu e fazer guerra aos deuses. Zeus, então, decide dividi-los ao meio, partindo-os em dois (com sexos separados). Por isso as almas dessas criaturas vivem a procurar sua alma gêmea, na tentativa de restabelecer a unidade andrógina original.

É nesse momento que entra Alcibíades.

“Boa noite, alegre gente! Aceitareis como companheiro a um homem que já bebeu bastante?”. Estas são as primeiras palavras de Alcibíades ao entrar no local do simpósio.

Quando entrou, Alcibíades aparentemente não viu Sócrates, e, por isso, sentou-se entre ele e Agatão. Nesse momento percebe a presença de Sócrates:

“E agora, por que estás aqui? (...) Sempre te arranjias de modo a deitar-te ao lado do mais belo de todos os presentes”. (PLATÃO, 2003. p.152).

Diante da furiosa cena de ciúmes de Alcibíades, Sócrates pede ajuda à Agatão:

“Protege-me Agatão! O amor deste homem só me causa incômodos. Desde que o amei, não me é mais permitido dirigir um olhar ou trocar uma palavra com nenhum belo jovem, pois este homem, ciumento e despeitado, começa a fazer escândalo,

entra a injuriar-me, e quase me agride. (...) Na sua loucura e amor, este homem é capaz de fazer muitas coisas”.

Alcibíades continua a vociferar seu despeito e ressentimento:

“Entre nós não pode haver paz (...). Noutra ocasião me vingarei. Quanto a ti, caro Agatão, devolve-me algumas dessas fitas, para que eu coroe a cabeça admirável deste homem. Quero evitar que mais tarde venha a repreender-me por haver coroadado só a ti, e não a ele, a ele que com suas palavras vence os homens todas as vezes, e não apenas ontem, como aconteceu contigo”. (PLATÃO, 2003. p.152).

Em seguida, Alcibíades faz uma referência ao que hoje conhecemos como a expressão “beber socraticamente”. O mercenário fala de como Sócrates é capaz de beber vinho em grande quantidade, sem ficar bêbado.